

Negro no cinema: de cara limpa e sem vergonha

Por Gil Carvalho



Em 1927, uma revolução aconteceu na indústria cinematográfica mundial: foi lançado em Los Angeles o primeiro filme falado, *O Cantor de Jazz (The Jazz Singer)*, que alcançou extraordinário sucesso tanto de crítica quanto de público, recebeu um Oscar especial e em 1998, foi considerado pelo American Film Institute um dos melhores filmes americanos de todos os tempos.

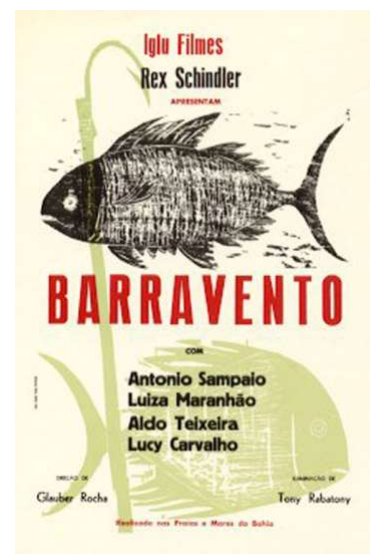
Não causou espanto, no entanto, o fato de o ator principal, Al Jolson, atuar com o rosto pintado de negro. Segundo o historiador de cinema Donald Crafton, Al Jolson "cantou canções jazzísticas (minstrel) num rosto pintado de preto, alcançando o ápice de sua popularidade." O minstrel ou minstrel show, no qual se fundamenta a interpretação musical de Jolson neste filme, é um tipo de teatro norte-americano de variedades que surgiu em 1830, onde alternadamente são apresentados dança, música, esquetes cômicos, atos variados, por atores brancos, de descendência européia, com a cara pintada de negro, tentando personificar de forma caricatural os negros norte-americanos. Depois da guerra civil, os atores eram frequentemente negros pintados de negro.

No minstrel os negros são retratados como ignorantes, preguiçosos, supersticiosos e musicais. Sobreviveu como divertimento interpretado por atores profissionais até 1910, continuando de forma amadora até 1950. Em 1960 com as primeiras vitórias nas lutas pelos direitos civis e contra o racismo nos Estados Unidos, esta forma perdeu totalmente a sua popularidade. Esta prática também era comum no teatro brasileiro, como nas peças *O demônio familiar*, de 1857 e *Mãe*, de 1860 (ambas de José de Alencar) em que os atores eram brancos pintados de negros, hábito que continuou por algum tempo.

No cinema, como em todas as outras manifestações artísticas, a situação não era muito diferente. *Favela dos meus amores*, de 1935, dirigido por Humberto Mauro um dos primeiros filmes de ficção feitos numa favela de verdade, no Rio de Janeiro, tinha como personagens principais compositores e sambistas, mas interpretados por atores brancos ou mulatos claros. A introdução das chanchadas, na década de 1940, abriu espaço para excelentes atores negros, como *Grande Otelo*, *Pérola Negra*, *Chocolate*, mas como se depreende de seus nomes

profissionais, a etnia é anunciada antes mesmo da própria presença do profissional, o que se refletia nos personagens, quase invariavelmente, subalternos e pouco importantes.

Nas décadas seguintes, não houve mudanças significativas. As chanchadas eram impregnadas de estereótipos e caricaturas como em *E o mundo se diverte*, (1948) de Watson Macedo, *O Caçula do Barulho* (1949), do italiano Ricardo Fredda e *A dupla do barulho* (1953) de Carlos Manga. Apenas no final dos anos 50 e início dos 60, com o advento do Cinema Novo, algum progresso: atores negros representam personagens negros mas ainda em situação de opressão e inferioridade. Podem ser citados *Rio, Zona Norte* (1957) de Néelson Pereira dos Santos, *Bahia de Todos os Santos* (1960), de Trigueirinho Neto, *Cinco Vezes Favela* (1962), de diversos diretores, *Ganga Zumba* (1964), de Cacá Diegues, *Barravento* (1962) de Gláuber Rocha. *Compasso de espera*, de Antunes Filho, filmado em 1969 mas só lançado em 1973.



Nos anos 1970, devido à forte ditadura militar que sufocava o país, o gênero predominante foi a pornochanchada, não havendo muito espaço para questões como racismo. Mesmo assim foram filmados *O amuleto de Ogum* (1974) e *A tenda dos milagres* (1977), ambos por Néelson Pereira dos Santos, enfocando aspectos importantes da cultura afro-brasileira, como religião e miscigenação.

A partir dos anos 1980, produções como *Xica da Silva* (1981) de Cacá Diegues, *Jubiabá* (1986) de Néelson Pereira dos Santos, *Chico Rei* (1985), de Walter Lima Jr., *Quilombo* (1986), de Cacá Diegues, diretor também de *Orfeu* (1999) entre outros, buscam resgatar grande nomes e mitos da luta dos afro-descendentes no Brasil, dando destaque a diversos atores como Antônio Pitanga, Mauro Gonçalves, Zózimo Bulbul, Zezé Mota, profissionais que chegariam às telenovelas, outro veículo em que personagens e atores negros tinham até então pouco espaço.

A virada ocorreu apenas no século XXI, em filmes como *Uma onda no ar* (2002) de Helvécio Raton, *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lund, *De passagem* (2003), de Ricardo Elias, *Quanto vale ou é por quilo?*, de Sérgio Bianchi, *Cidade dos Homens* (2007), de Paulo Morelli, *5 x favela, agora por nós mesmos* (2010), de vários diretores, *Bróder* (2010) de Jeferson De, só para citar alguns. Nessas e em outras produções, os profissionais afro-descendentes ocupam a posição de protagonistas não só diante como

atrás das câmeras, para denunciar a discriminação, a exclusão e a desigualdade no nosso país e, além disso, demonstrar que são capazes de contar suas próprias histórias de cara limpa, sem nenhuma tinta nem vergonha.